

«Tapejara», a voz do Brasil interior

Muitas inverdades se tem falado a respeito do caboclo brasileiro.

Uns, os mais céticos, o têm por irremediavelmente perdido, por nele enxergarem mais defeitos que virtudes; outros, já mais transigentes, não lhe negam uma que outra participação positiva, no conjunto da nossa História; outros ainda, mais supostamente em dia com as ciências do homem, lhe reservam respeitável atenção, mas como simples "teleguiado", isto é, subordinado às pre-excelências da raça "superior", dos colonos, conquistadores e ditos civilizados: mas felizmente, há aquela minoria objetiva, pertinaz e esclarecida, que não vacila em valorizá-lo, em si e por si, sem alheias injunções ou inspirações.

É que o Brasil já se sente suficientemente amadurecido, experimentado e compenetrado do papel realmente grandioso que logo começará a desempenhar, internacionalmente falando.

Disse, recentemente, o eminente Gilberto Freyre: "O nosso futuro de grande Potência é palpável, tocámo-lo com o dedo". E o providencial Presidente Médici: "O país está em disparada e ninguém mais o segura". Ora, é significativo que, numa conjuntura como a presente, quando tantos máis brasileiros procuram denegrir-nos lá fora; quando não rareiam os que, por bem ou por mal buscam, fanáticamente, o solução dos nossos problemas, através de superadas fórmulas ideológicas de séculos anteriores; quando, finalmente, o desdour se apossa, soberano, da literatura, das relações humanas e da própria vida de família, de civilizados povos, é significativo, dizíamos, que haja ainda tanto brasileiro de prol, que esteja ENXERGANDO esse futuro de glórias, no sentido mais humano e positivo do vocábulo.

Quereis saber por que, quase simultaneamente, um sociólogo e um estadista nos proporcionam tão belo exemplo de otimismo, bom senso e generosa demonstração de civismo e cultura? Que motivo os leva a assim se pronunciarem, qual a qual mais destemido e realista, quando tantos são os céticos, os omissos e os auto-suficientes neste imenso Continente, que é o Brasil?

Queremos crer que semelhante atitude tenha brotado, antes que de inconsistente lirismo patriótico, ou de simples desejo de centralizar as atenções em determinados aspectos materiais do momento nacional, com mais razão, de verdadeiras raízes histórico-culturais, de iniludíveis intuições da nossa predestinação cósmica, enfim, de integral identificação com a nossa conduta, tanto no plano coletivo como no individual.

Este país prodigioso, que sempre existiu (pois, os próprios indígenas já tinham idéia da sua conformação continental, dizem Cortezão, Taunay, Calmon, Capistrano, Bonfim e outros); que soube tão bem preservar as suas fronteiras, tradições e ideais de fraternidade e progresso em todos os sentidos; que nunca apoiou ou aprovou usurpações, domínios ou injustiças de qualquer espécie; não poderia deixar de manifestar-se, através da palavra de dois filhos, tão representativos do mundo civil e do militar.

Com efeito, Gilberto, mais que qualquer outro, precisamente por ser ele o estudioso mais autêntico do nosso passado, da nossa psique e das nossas criações, além de incontestável reabilitador dos brasileiros de sangue africano, está, por isso mesmo, mais credenciado a demonstrar-nos ou apontar-nos o advento da nova era. Adeus, mais, sempre foi fiel à província, ao torrão nordestino, tão ligado à natureza rude porém querida dos trópicos. Inimiga, por assim dizer, mas também insubstituível, porque ainda não tocada dos vícios e deformações de decadentes terras e lamentáveis populações.

Podemos divergir dele em muitas coisas, muitos aspectos e muitos pormenores, mas, ninguém poderá negar-lhe essa acuidade típica, esse amor ao passado glorioso do Brasil e esse talento invulgar, que o fez renovador dos estudos sociológicos, e mesmo históricos, entre nós.

Ainda recentemente, não escondeu a sua admiração ao antepassado indígena, ao considerá-lo METRE DE ECOLOGIA DE TODOS NÓS, aquele a quem devemos apelar para conhecer melhor a relação homem-natureza, nunca devidamente interpretada pelos representantes do chamado branco ou civilizado.

Quanto ao Presidente Médici, aí estão as suas afirmações, iniciativas e propósitos francamente revolucionários, no recomendável do termo. Em boa verdade, jamais tivemos alguém que tanto reunisse do messiânico e do realizador, sem derivar para a demagogia, o paternalismo tórpe ou o caudilhismo mais absolutista ou desenfreado. Esse gaúcho, que pode facilmente passar por estrangeiro, dado o tipo caucasóide que apresenta, é, no entanto, a mais genuína expressão do homem telúrico brasileiro, do que sabe intuir

e valorizar os elementos da referida natureza e as criações que resultam da presença do homem, enfim, daquele que vê, em cada palmo de chão e em cada ser humano, uma fonte de permanente reflexão e reverência, ou uma unidade digna de apóio e convergência de ações e intenções benéficas, de nossa parte.

É, portanto, o Presidente Médici, um continuador, em proporções imprevisíveis, daqueles outros ilustres patriotas militares: Caxias, Couto Magalhães, Floriano, Rondon e o próprio Euclides, pois ninguém ignora que o imortal estilista de "Os Sertões" era engenheiro militar, de boa formação positivista.

Pois, é, por tudo isso, que não pudemos deixar de aplaudir a criação da ACISO-70 (Ação Cívico-Social), para os Estados do Sul, empreendimento inspirado nessa VISÃO ECUMÊNICA da Pátria, mas, já agora, dizemos, a cavaleiro das demagogias, corrupções e primarismos de todo porte, característicos da fase anterior à tomada de consciência, que foi a Revolução de 64.

"Tapejara", como autêntico porta-voz do Brasil Interior, o Brasil jagunço, caboclo ou como quer que lhe chamem, e representando o Centro Cultural "Euclides da Cunha", também se aliou a nobre cruzada, dirigida aos concidadãos da zona rural, com o fito de fazê-los participar, ao menos, de um mínimo de conforto, sem que se lhes fizesse caridade, porquanto, como bem disse o sociólogo americano Kallervo Oberg, "eles, os caboclos são o elemento mais precioso do Brasil", pois ainda representam a nossa reserva efetiva de moral, generosidade e apêgo incomparável ao solo pátrio.